

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano V | Volume 14 | Nº 40 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7811037>

---



## LIÇÕES DE LIVIA DE OLIVEIRA PARA GEOGRAFAR O MUNDO

Ivan Fortunato<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto, escrito na forma de um ensaio, é uma homenagem à Livia de Oliveira, pois tem como objetivo partilhar uma amostra de seu legado. Trata-se de demonstrar como suas ideias de viver no mundo como geógrafa é uma forma possível, plural e sensível. A escrita é em primeira pessoa, pois sua metodologia é a memória afetiva dos momentos vividos com a Livia durante e após o período em que fui seu orientando. Este ensaio se apresenta em três questões: (I) Por que homenageá-la?; (II) O que se homenageia?; e (III) Como almejo honrar seu legado? A última questão é também a seção final do texto, na qual se registram expectativas a curto e longo prazo de como manter vivo seu legado.

**Palavras Chave:** Geografia; Livia de Oliveira; Pensamento Geográfico.

### Abstract

This paper, written as an essay, is a tribute to Livia de Oliveira, as it aims to share a sample of her legacy. It is about demonstrating how her ideas of living in the world as a geographer is a possible, plural and sensitive way. The writing is in the first person, as its methodology is the affective memory of the moments lived with Livia during and after the period in which I was guiding her. This essay is presented through three questions: (I) Why honor her?; (II) What is honored?; and (III) How do I aim to honor her legacy? The last question is also the final section of the text, in which short- and long-term expectations are recorded on how to keep his legacy alive.

**Keywords:** Geography; Geographical Thinking; Livia de Oliveira.

## POR QUE MAIS UMA HOMENAGEM À LIVIA DE OLIVEIRA?

O que seria o conjunto da obra da professora Livia de Oliveira (1927-2020) senão um categórico clássico da Geografia brasileira, um pensamento por cuja obra sentimos não só a admiração pela potência dos seus conceitos, mas também pela contemporaneidade das suas contribuições, reatualizáveis nos seus sentidos, inspiradores nas suas nuances? (BATISTA *et al.*, 2021, p. 119)

A produção deste ensaio tem um único propósito: escrever sobre Livia de Oliveira, geógrafa, professora emérita da Universidade Estadual Paulista, minha orientadora. É um manuscrito em primeira pessoa, cuja metodologia é a da memória afetiva, recuperando seus ensinamentos de vida, de universidade, de orientação e de Geografia.

Já não é a primeira vez que registro um texto-homenagem à Livia (FORTUNATO, 2016), assim como a metodologia de homenagem já foi utilizada diversas outras vezes, para honrar e agradecer os ensinamentos de ilustres acadêmicos, que já fizeram sua passagem e deixaram legado importante para o mundo ir constantemente se (re)pensando, como Célestin Freinet (FORTUNATO, 2016b), Humberto Maturana (RODRIGUEZ; FORTUNATO, 2021) e Paulo Freire (PORTO; FORTUNATO, 2022).

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [ivanfrt@yahoo.com.br](mailto:ivanfrt@yahoo.com.br)



Além disso, escrevi outras homenagens para pessoas em vida, reverenciando sua contribuição acadêmica, bem como à minha particular existência como docente, pesquisador e, mais importante, ser humano. Trata-se de Rosa Maria Whitaker Sampaio, uma das pioneiras e referência brasileira na pedagogia freinetiana (CUNHA; FORTUNATO, 2017), e da amiga e parceira de escritas decoloniais Milagros Elena Rodriguez (FORTUNATO, 2022).

Importante destacar que tais registros produzidos por meio da metodologia da homenagem não são apenas laudatórios, mas profundamente reflexivos, demonstrando gratidão expressa a lições específicas aprendidas com cada uma dessas pessoas. Sendo assim, o tom elogioso que se apresenta um texto-homenagem é mera refração de sua significância coletiva e pessoal, identificando como e quais mudanças positivas se reconhece a partir do envolvimento com a pessoa que se homenageia.

Tendo delineado a metodologia de produção deste ensaio, podemos voltar à questão que abre esta seção introdutória, almejando explicar os motivos que me levaram a produzir mais uma homenagem à Livia de Oliveira. Aliás, mais uma homenagem que lhe escrevo, tendo a anterior sido ainda em vida, quando pude deixar registrado meus agradecimentos e lhe dar um afetuoso abraço.

Por que, então, mais uma homenagem? Sou professor de dedicação exclusiva do Instituto Federal de São Paulo, campus Itapetininga, desde o final do meu doutorado, que foi orientado pela Livia – coincidentemente, minha nomeação no Diário Oficial da União aconteceu no mesmo dia em que a Congregação da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro homologava meu título: 15 de julho de 2014. Dessa forma, posso afirmar, sem hesitar, que minha trajetória acadêmica começou a ser efetivamente construída no ano de 2013, quando tive a honra e a oportunidade de conhecer a Livia.

À época, passava por um momento de perturbação na minha vida, o que provocou contratempos em várias atividades, incluindo a pós-graduação. Esses contratempos acabaram levando a um rompimento com a orientação de origem, que já não estava funcionando como deveria, pois, nada do que produzia tendia a ‘agradar’, mas tampouco havia qualquer direcionamento claro sobre as expectativas. Nesse sentido, romper com a orientação inicial acabou deixando-me perto de não concluir o doutoramento.

Eis que as vicissitudes da vida me permitiram conhecer, em abril de 2013, Livia de Oliveira. Primeiro por telefone e, em poucos dias, pessoalmente. À época, já com 87 anos de idade, ainda estava ativa na pós-graduação, orientando estudantes que buscavam ampliar seus horizontes geográficos. Livia me acolheu em sua casa, um pequeno apartamento de um quarto no centro da cidade de Rio Claro, onde morava sozinha. Ali, pude conhecer um mundo geográfico até então desconhecido para mim: da geograficidade de Eric Dardel (2011) ao namoro com a Terra de René Dubos (1981). Parecia que Livia



tinha compreendido os motivos que me levaram ao doutoramento em Geografia, e o que me interessava como pessoa, como pesquisador, era a relação afetuosa com o lugar, apenas pelo lugar ser o que é.

Assim, entre abril de 2013 e maio de 2014 trabalhamos intensamente na minha tese, desconstruindo e reconstruindo praticamente tudo desde o começo, exceto aquilo que me levou ao doutorado: reconhecer o amor por um lugar específico no centro da capital Paulista, o Pateo do Collegio. E não é que Livia também demonstrava fascínio pelo lugar, tendo até o qualificado como “aconchego” em um escrito publicado pouco antes de nos conhecer? (OLIVEIRA, 2012).

Nesse período de convívio por causa de uma tese, pude aprender com Livia a (re)conhecer os lugares, a identificar os detalhes e as particularidades que possibilitam lugarizar todo e qualquer espaço. Aliás, ao cunharmos *lugarizar* como verbo, foi Livia quem fez a defesa desse neologismo na arguição da tese, quando fui questionado pela banca; disse que ela tinha experiência e autoridade suficiente para permitir que qualquer orientando trouxesse novos conceitos para a Geografia. Argumento mais que suficiente para garantir a inclusão, ainda que inicial, do vocábulo *lugarizar* nos anais da ciência geográfica.

Em apenas um ano e alguns meses, foram tantas lições aprendidas com Livia que vão além da Geografia que permite *lugarizar* lugares. Posso listar as lições do ofício acadêmico: aprendi a ensinar; aprendi a aprender; aprendi a pesquisar, a escrever e a orientar. Assim como posso listar as lições de vida: como ter empatia pela escuta atenta; a amar o lugar onde se está; a apreciar toda oportunidade de viajar; a respeitar as pessoas antes de sua profissão ou seus títulos; a guardar objetos que permitam manter viva a memória de lugares, momentos e pessoas significativas...

Recapitulando, então, a pergunta primeira deste ensaio: por que homenagear novamente Livia de Oliveira? A resposta mais essencial a essa pergunta inicial é porque Livia merece ser constantemente lembrada como ser humano. Não obstante, a homenagem é feita neste momento, no começo do ano de 2023, pois é quando o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, me concede a oportunidade de lecionar e orientar. Assim, sendo Livia de Oliveira minha maior inspiração como docente e orientador de Pós-Graduação, assim como inspiração maior para estudar e pesquisar Geografia, homenageá-la mais uma vez é momento oportuno para projetar as expectativas para essa nova missão. Com a esperança, claro, de honrá-la.

O texto segue com mais duas perguntas: o que se homenageia?, incluindo uma revisão de literatura e passagens significativas dos momentos vividos juntos por ocasião da orientação; e como se almeja honrar o legado de Livia de Oliveira, por ensejo da aventura de ser docente permanente em um Programa de Pós-Graduação em Geografia, sendo metaforicamente o lugar onde nos conhecemos. Ao final, fica a esperança de que tudo o que se registrar aqui se torne realização.



## QUAIS AS DEVIDAS HOMENAGENS À LIVIA DE OLIVEIRA?

[...] seis décadas de serviços prestados na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, campus de Rio Claro, tendo à frente preocupações com as possíveis interlocuções entre ensino de Geografia, epistemologia e teoria do conhecimento. Dessa profícua trajetória, a pesquisa de doutoramento Contribuição ao ensino da Geografia (1967), a tese de livre-docência Estudo metodológico e cognitivo do mapa (1978), e a influência no estabelecimento da Geografia Humanista no Brasil – através das traduções dos livros do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan – são algumas das contribuições desta notável intelectual (BATISTA *et al.*, 2021, p. 119).

Esta seção tem duplo propósito: (i.) recuperar homenagens publicadas na literatura; e (ii.) voltar ao tempo vivido com Livia, ressaltando aspectos memoráveis dessa relação. Vou nessa ordem, porque enquanto as homenagens outras são mais consubstanciadas com relação às contribuições para Geografia, como ciência, como curso de bacharelado e licenciatura, como disciplina da educação básica, minhas memórias são mais afetivas e voltam-se a Livia como pessoa que inspira.

A epígrafe já recobre diversos contributos à área: foram seis décadas de militância em prol da Geografia; foi pioneira nos estudos de ensino de Geografia para além da memorização de dados, ao produzir e defender sua tese de doutoramento, assim como foi pioneira nos estudos cognitivos do mapa, incluindo a percepção e a imaginação a partir da teoria de Jean Piaget, que culminaram em sua tese de Livre-Docência; trouxe para o Brasil a Geografia Humanista ao traduzir para o português extensa obra de Yi-Fu Tuan e toda sua discussão fundamental a conceitos muito caros à Geografia, tais como espaço, lugar, topofilia. Claro que suas contribuições não esgotam aí, sendo necessário incluir a formação de novos geógrafos e professores de geografia, além da formação de tantos mestres e doutores, com visões inovadoras desbravadas com seu incomensurável suporte como orientadora.

No texto em que Batista *et al.* (2021) nomearam “Livia de Oliveira, um clássico”, os autores vão descrevendo de forma ampla e detalhada como sua tese de doutorado era a concretização de uma revolução ao ensino de Geografia, pois evidenciava tudo o que Livia batalhava contra: a geografia enciclopédica que não contribuía para melhora da sociedade. No ano de 1967, o país conhecia sua primeira tese de doutorado que tratava do ensino de Geografia, na qual:

[...] a professora Livia postulava um ensino de Geografia eivado por um espírito crítico e desacomodado. Um componente curricular engajado na transformação social, tendo como foco primordial de análise as interlocuções entre sociedade e natureza. Ciência com responsabilidade prática, justificar-se-ia na escola pela possibilidade de construir o raciocínio geográfico e a observação atenta da paisagem. Não era pouca coisa. Não por acaso, um projeto de uma vida, pelo qual Livia esteve comprometida por mais de seis décadas. (BATISTA, *et al.*, 2021, p. 125)

Os autores do artigo “Livia de Oliveira, um clássico” também voltam à sua tese de Livre-Docência, na qual se apresentava a ideia da alfabetização cartográfica, que passa longe da educação



mecânica, tecnicista, bancária... e volta-se para a percepção, a imaginação, a interação com o espaço, enfim, uma Geografia viva que se constitui pela presença das pessoas no mundo e na forma como interagem com seus elementos telúricos, com outras pessoas, modificando-se mutuamente na interação. Segundo Batista *et al.* (2021), todas essas contribuições seriam responsáveis por duas grandes escolas geográficas que até hoje se fazem presente no ensino e na pesquisa:

Uma delas se volta para a crítica epistemológica, procurando entender os processos de construção do conhecimento geográfico sem as amarras seja do apriorismo, seja do empirismo. A outra, por sua vez, aloja-se na perspectiva de criação de propostas pedagógicas relacionais, onde a pedra de toque procura trazer para o interior das aulas de Geografia o mundo vivido pelo aluno, por intermédio da sua atividade. Ambas são procedentes, férteis, abertas, em devir. Ambas não deixam de retornar àquela embrionária problematização de Livia de Oliveira. (BATISTA *et al.*, 2021, p. 129)

E ao recuperar parte dessas seis décadas de inquietações a respeito de uma geografia que sempre tendia a se dividir em nichos muito bem delimitados (física, humana, brasileira, econômica, industrial, regional etc.), Batista *et al.* (2021) reconhecem que Livia de Oliveira foi uma pesquisadora de vanguarda, que queria apenas uma Geografia, em letra maiúscula. Mais ainda, pois ela tinha o desejo que seus estudantes não somente aprendessem, mas desenvolvessem o interesse em aprender Geografia. Isso porque, para Livia, conhecer Geografia é conhecer o mundo, a si mesmo, e a si mesmo no mundo; aliás, a esse respeito, posso afirmar, categoricamente, que ela me cativou a pensar geograficamente, o que me faz percorrer as paisagens e reconhecer lugares de forma a permitir me conectar com a Terra como uno.

Assim, ao encerrarem seu texto após percorrem suas teses de doutorado e Livre-Docência e o trabalho a partir da tradução das obras de Tuan, Batista *et al.* (2021) reconhecem que Livia de Oliveira foi uma das responsáveis por introduzir, criar e problematizar muitos conceitos fundantes da Geografia de hoje. Registraram os autores que Livia sempre respeitou e cuidou, com muita potência e autenticidade, dessa ciência que tanto amou.

Marandola Jr. e Gratão (2003) também escreveram sobre a trajetória geográfica de Livia de Oliveira, voltando às suas teses de doutorado e Livre-Docência, às traduções de Tuan e às inquietações de ter outra Geografia. Para os autores:

E o caminhar de Livia, no sonho ou na vigília, deixou um legado inestimável para nossa geografia, seja pelas portas e perspectivas que abriu, seja por sua própria pessoa, que sonhou caminhando, e caminhou sonhando, sem perder de vista o ser professor e o ser geógrafo, sem perder de vista o lugar, o seu lugar, e o lugar do lugar no mundo... (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003, p. 16)



Amorim Filho (2006) também recuperou a trajetória de Livia de Oliveira, afirmando que sua busca sempre foi a de uma Geografia, não no sentido de se fechar em uma única forma de produzir conhecimento; muito pelo contrário, pois buscava o sentido de uma Geografia que se preocupava menos com suas próprias metafóricas fronteiras, apresentando-se plural, interdisciplinar e relevante para a sociedade. Por isso, afirmou o autor, que Livia de Oliveira foi uma das pesquisadoras que produzia mais originalidade à Geografia brasileira.

No texto de Amorim Filho (2006), também vimos seu autor recuperando as originalidades das teses de doutorado e Livre-Docência de Livia, destacando-as como pioneiras e de vanguarda, que provocavam a estabilidade da ciência geográfica, colocando-a em movimento. O autor também recupera a fundamental importância para a Geografia brasileira o fato de Livia ter traduzido as obras de Yi-Fu Tuan.

Não obstante, Amorim Filho (2006) ampliou a lista de realizações de Livia ao mencionar os estudos altamente relevantes e também pioneiros que foram produzidos por seus orientandos de doutorado. Por isso, vale destacar que o autor, além de reconhecer a sólida presença de Livia de Oliveira na Geografia, ele também realça suas qualidades como professora (ao dar lições), como orientadora (ao formar mestres e doutores igualmente precursores de escolas geográficas) e educadora (ao promover uma Geografia que faz parte da vida da sociedade, colaborando com sua transformação).

O que vimos, e que aparece em consonância, é que a trajetória longa de Livia na pesquisa, no ensino e na vanguarda da Geografia tem como evidências as seis décadas de docência na Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro, suas teses de doutorado e Livre-Docência, a tradução das obras de Yi-Fu Tuan, e seus orientandos. Deve-se adicionar o Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM), o qual concentra objetivos de pesquisa originados de suas inquietações e as delas decorrentes.

Da minha parte, tendo tido a honra de ser um dos seus inúmeros orientandos, também já havia registrado algumas palavras em tributo ao seu legado. Especificamente ao modo como orientava, fazendo emergir o melhor de cada uma das pessoas que estavam sob sua égide geográfica (FORTUNATO, 2016).

Na ocasião, me juntei com aquele que seria seu último aluno de doutorado, hoje professor na graduação e na Pós-Graduação da Geografia da Universidade Federal do Ceará, o amigo Tiago Cavalcante. Em conjunto, buscamos contato com pessoas que foram orientadas pela Livia, visando reunir relatos pessoais desse relacionamento, no qual se incluíam honrarias, agradecimentos, memórias e aprendizados:



A ideia de reunir pessoas que foram orientadas pela Livia para escreverem a respeito dela, em uma obra em sua homenagem, é uma forma de agradecê-la, ao mesmo tempo em que isso possibilita deixar registrada sua maneira de trabalhar, apaixonadamente, pela formação de cada um de seus orientados, o que também significa sua dedicação pelo avanço da geografia. (FORTUNATO; CAVALCANTE, 2016, p. 3)

E nesse número especial, o que podemos verificar é que Livia de Oliveira era atenciosa com quem cruzasse seu caminho geográfico e lhe demonstrasse sinais de que havia grande interesse em trazer coisas novas para a velha ‘geographia’. Além dessa atenção dedicada, sabia ouvir, pois acreditava que somente ao escutar atentamente cada pessoa que orientava é que poderia oferecer apoio e dar direcionamento ao que inquietava e almejava cada estudante.

Livia foi uma orientadora que ampliou o sentido direto e reto de *orientar* um trabalho acadêmico: *acolhia*, já que acreditava que produzir conhecimento não era algo puramente cognitivo, mas também sensível e afetivo, o que tem a ver com a percepção de mundo; *ouvia*, com o propósito de compreender as idiossincrasias de cada um de nós; *guiava*, dando liberdade de inovar, mas com rigor necessário para que garantir que tudo o que fosse proposto tivesse lastros acadêmicos seguros (coerência metodológica, diálogo com a literatura, argumentos e evidências consistentes etc.); *alimentava*, porque tinha certeza de que saber e sabor nasciam e cresciam juntos.

Dessa forma, evocando novamente a pergunta que abre esta seção – quais as devidas homenagens à Livia de Oliveira? – posso dizer que se enveredam por duas rotas que, eventualmente, se interceptam: (i.) os tributos devidos às décadas de atuação no ofício de docente e pesquisadora na Universidade Estadual Paulista, na cidade de Rio Claro, e toda transformação que possibilitou (e segue possibilitando) à Geografia; e (ii.) sua forma singular de ser orientadora acadêmica, combinando afetividade com rigor, criando memórias indelévels naqueles que tiveram o privilégio de tomar lições diretamente com ela.

É certo que sua contribuição à Geografia foi devidamente reconhecida pela Universidade, como professora emérita, além de tantos outros títulos e honrarias recebidas em vida, incluindo diversos escritos sobre sua marcante trajetória acadêmica. E como cá delineado, também é certo que muitos de seus orientandos também já declararam seus tributos durante e após o período de convívio da orientação. Nesse sentido, pode-se até questionar os motivos que me levaram a mais uma honraria imortalizada pela palavra escrita.

Bem, primeiro porque sempre é momento de relembrar Livia de Oliveira e tudo o que foi possível realizar desde o dia em que me acolheu como orientando. Segundo e mormente para esta ocasião: início, agora, neste princípio de 2023, o exercício de docente e orientador na Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal de São Carlos, campus de Sorocaba. Ou seja, agora é minha vez de,



metaforicamente, calçar seus sapatos e almejar fazer por outras pessoas algo muito similar ao que Livia fez por mim: acolher, escutar, dar liberdade e guiar com rigor.

Eis o desejo e a esperança.

## COMO ALMEJO HONRAR SEU LEGADO?

Trabalho em cartório, mas sou escritor  
(Raul Seixas, Metrô Linha 743, 1984)

Começo esta última seção deste texto-homenagem com um verso de uma das canções de Raul Seixas que aparece meio perdido e fora de contexto, na música Metrô Linha 743. No entanto, apesar de frase curta, ela tem significado enorme para mim, pois bem representa como me sinto no ofício docente.

Explico: sou licenciado em pedagogia, tendo concluído a graduação no ano de 2005, mas, depois de formado, tomei caminhos profissionais e acadêmicos distantes da docência. Somente retornaria à sala de aula como professor de dedicação exclusiva quase um decênio depois, como relatei alhures, qualificando tal jornada como paradoxal (FORTUNATO, 2017). Nesses anos longe da pedagogia acabei de me encontrando na Geografia, defendendo tese sob orientação da Livia e, logo depois, tornando-me também licenciado nessa ciência. Não obstante, o caminho à docência, que já era paradoxal, se torna ainda mais intrincado, pois assumia a cadeira da pedagogia, tomando assento bem longe da Geografia.

Assim como o cantor soteropolitano encontrou ser escritor, mas viver cotidianamente o ofício de cartorário, não posso mais segredar que sou geógrafo, mesmo lecionando pedagogia como professor formador de professores. Isso não quer dizer, em absoluto, que não tenha aprendido a estimar a área que me acolheu; muito pelo contrário, pois tenho aprendido seus caminhos e batalhado para superar seus desafios há quase uma década, por meio de um solo epistemológico progressista e pautado na autoformação (FORTUNATO, 2023).

A proposta de ressaltar que sou geógrafo atuando em uma área distinta emerge aqui para dizer duas coisas essenciais: (i.) foi somente com Livia de Oliveira que descobri o que significa ser geógrafo, e isso é algo que desejo deixar registrado de forma perene; e (ii.) neste momento, depois de praticamente nove anos da defesa do doutoramento, inicio minha jornada como formador de pesquisadores em Geografia, cuja missão somente foi pleiteada como uma maneira dinâmica de honrar e manter vivo o legado de Livia.

É preciso voltar, em memória, ao ano de 2013, recuperando dois fatores fundantes para explicar a admiração e o anseio por honrar Livia de Oliveira: primeiro, devo dizer que já tinham transcorridos dois anos do meu ingresso no doutorado em Geografia, contudo, nada havia avançado no meu projeto de



tese; parecia, muitas vezes, que estava até andando para trás. Segundo: meu ingresso no Programa foi uma eventualidade, pois além de ter concluído curso de graduação e pós-graduação em ciências muito diferentes, desenvolvia carreira na área empresarial de gestão de pessoas – isso quer dizer que ser professor e ser pesquisador não faziam parte das aspirações naquele momento. Mesmo assim, já tinha nutrido o interesse pela titulação e, mais importante, por minuciar o problema de pesquisava que me levava à Geografia: como explicar o súbito encanto por um lugar bucólico bem no centro da maior metrópole do hemisfério sul?

Antes de Livia, tive uma orientação que mais tendia à desorientação: praticamente tudo o que entregava escrito era rejeitado, mas sem explicação alguma, exceto pela indicação ‘refaça’. Além disso, tive que ouvir que não era e *jamaiz seria* geógrafo. Afirmação contundente, porém, nada condizente com o papel de orientação acadêmica, conforme descobriria pouco depois com a professora Livia de Oliveira. Tais situações desditosas, vividas como um jovem estudante, me levaram à possibilidade de abandonar o curso e retomar o ofício de escritório na capital. Eis que surge oportunidade *sui generis* em minha vida de telefonar para Livia de Oliveira, pedindo auxílio na pesquisa e amparo acadêmico. Ela me atendeu!

Sendo redundante, quero destacar a primeira característica de um professor orientador aprendida com Livia: *escutar paciente, ativa e interessadamente*. Livia não perguntou de onde eu vinha, o que já tinha estudado, pesquisado ou produzido; ela queria saber o que havia na Geografia que havia me despertado vontade de estudar com profundidade essa ciência que tanto amava.

Foi então que lhe contei a história que aqui abrevio: quando fui morar em São Paulo, depois de quase duas décadas e meia de vida no interior, resolvi aventurar-me pelo seu centro histórico. Desci no metrô da Sé e senti-me imediatamente sufocado pela metrópole: nunca havia visto tanta gente em um mesmo lugar, algumas caminhando muito rápido, outras tentando vender algo, outras tantas fazendo algum tipo de apresentação para atrair público, pedintes, turistas, moradores de rua, missionários com a palavra divina ..., mas, há poucos passos dali, fui surpreendido pela visão de uma igrejinha branca e janelas azuis, com um largo um tanto menos agitado que o acabo de descrever. Ali senti calma, nostalgia e uma vontade de lá permanecer. Acabava de chegar ao Pateo do Collegio e, quem diria, que lá seria o local escolhido, em 1554, para fundação de colégio que se verteria em tão majestosa metrópole?

Quando contei essa história para Livia, logo ela me perguntou: quem disse que você não é um geógrafo? A Geografia é uma ciência viva, me explicou Livia, e logo me apresentou a um dos autores que seria a viga baldrame da tese que viria a defender pouco mais de um após essa primeira conversa: Eric Dardel (2011, p. 1), que defendeu uma Geografia “em ato, uma vontade intrépida de correr o



mundo, de flanquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível”.

À época, esse autor francês estava sendo redescoberto pela Geografia no Brasil, embora já tivesse postumamente influenciado geógrafos estrangeiros, como o já mencionado Yi-Fu Tuan e o norte-americano Edward Relph. Descobrir que percorrer os lugares, explorando-os, fazia de mim um aspirante a geógrafo já era grande alento e trazia esperanças ao jovem perdido que estava. Dessa forma, posso já listar outra característica de ser orientador acadêmico aprendida com a Livia: *encorajar quem busca conhecer o desconhecido*.

Esse encorajamento, aprendi com Livia, não poder ser vazio, mas acompanhando com mais uma característica fundamental a um professor orientador: *fornecer uma literatura consistente, que ajude a alicerçar o pensamento*. Mas, importante deixar registrado que, para Livia, o que importava não eram as ideias dos autores, mas como a leitura dos autores mobilizavam as ideias próprias; era isso que a ela interessava, pois, a dos autores ela já conhecia em profundidade. Assim, já consigo arrolar outra característica: *permitir que o estudante tenha liberdade de explorar as próprias, ao mesmo tempo em que se mantém preparado para dar apoio quando necessário*.

Recuperando as características de um professor orientador aprendidas com Livia, é possível verificar que todas são expressas por verbos. Isso quer dizer que ser orientador é tomar um papel ativo: escutar, encorajar, fornecer subsídios, permitir ser. Deve-se incluir nessa lista um quinto verbo, talvez o mais importante: *guiar com rigor*. Isso porque a construção do conhecimento não é nada banal, que se faz de repente, sem lastro na literatura, sem evidências claras, sem um solo epistemológico bem sólido que permita seguir trilhando o próprio caminho. Pode-se pensar metaforicamente que a busca pelo conhecimento é como uma escalada em rocha e todos esses elementos citados seriam os equipamentos de ancoragem e segurança: sem eles, a escada pode se tornar ousadamente arriscada e, pior, longe de alcançar qualquer objetivo.

Quando Livia tratava cada etapa produzida para a tese com rigor metodológico, teórico, de reflexão, de ortografia e gramática etc. tudo o que almejava era revelar que estava junto nessa aventura, mas, que jamais cairia junto com seu orientando. Levei algum tempo para entender os motivos pelos quais tratava cada frase produzida com tanto rigor, mas, quando finalmente compreendi, passei a valorizar cada correção, cada puxão de orelha, cada indicação de frase mal elaborada, cada tropeço conceitual... isso porque, tendo compreendido que todo esse rigor era o papel que ela assumia para si como orientadora, pois, em essência, era dessa forma que ela demonstrava seu amor ao conhecimento geográfico.



Livia era, acima de tudo, autêntica. Como já foi delineado aqui neste ensaio, buscava uma Geografia que não fechasse em si mesma, produzindo saberes que fossem apenas circulares, começando e encerrando e si mesmos. Queria uma Geografia que possibilitasse, na interface com a vida, compreender melhor a vida, afinal, como registrou em um dos seus últimos escritos: “o espaço da humanidade se confunde com a própria Terra. Para estudá-lo, compreendê-lo e estabelecer relações intrínsecas se faz necessário apreendê-la em suas representações, em sua concretude e sua imagética” (OLIVEIRA, 2020, p. 7).

Passaram-se quase nove anos da conclusão do doutorado. As vicissitudes da vida me levaram à docência em outro lugar, a pedagogia. Como registrei aqui e em outros ensaios, foi um retorno paradoxal, pois no passado a havia rejeitado e esquecido, contudo, ao conhecer mais e melhor, fui reconhecendo seu valor e batalhando ativamente para revelar o quão significativa a pedagogia é na vida. Não obstante, agora as vicissitudes da vida me dão a oportunidade singular de voltar à Geografia como professor, pesquisador e orientador.

Essa circunstância é tomada como oportunidade dupla: (i.) é uma brecha para geografar o mundo com a pedagogia, pois ser professor formador de professores é meu ofício escolhido como meio de vida e já não abro mão de seguir promovendo o que venho desbravando cotidianamente como autoformação; e (ii.) é chance de honrar tudo o que aprendi com Livia e também de passar adiante tão valiosos ensinamentos, que permitem encontrar significados profundos nos lugares em que se está.

No curto-embora-valioso tempo que tive de convívio com a Livia, várias e várias lições sobre ser no mundo foram tomadas. Algumas aprendidas de forma mais rápida, como a escrita acadêmica focada, consistente e ousada. Outras ainda se demoram, pois dizem respeito ao saber com sabor, ou o sabor do saber, que vão sendo recuperados e analisados conforme as surpresas da vida, muitas vezes, ácidas, amargas e até mesmo indigestas.

Com Livia, aprendi as valiosas atitudes de um professor orientador listadas aqui por meio dos cinco verbos, os quais registros mais uma vez como reforço: escutar, encorajar, fornecer subsídios, permitir ser e guiar com rigor.

Com Livia, aprendi a geografar o mundo em ato, explorando os lugares de forma a conhecê-los, cortejando aqueles que despertam alguma sensação intrigante, como foi feito com o Pateo do Collegio em São Paulo – é possível namorar a Terra, me revelou Livia a partir das lições da obra de René Dubos. Depois de ter me escutado, encorajado, fornecido subsídios, der me dado liberdade para criar e cuidado com rigor, pude formular a ideia de lugarizar lugares (FORTUNATO, 2016c). Esse verbo é a singular expressão da Geografia que aprendi com Livia e que, agora, sigo sob sua égide ao ousar estimular outras



peças a seguirem por essa trilha. Esse é meu desafio, mas também oportunidade de honrar sua presença em minha vida, que foi transformadora.

Para encerrar, volto mais uma vez ao prodigioso compositor brasileiro Raul Seixas, trago aqui trecho da canção *Senhora Dona Persona*, lançada ao público em 1988, um ano antes de seu falecimento: “Eu vou fazendo o meu caminho, e não peço que me sigam; cada um faz o que pode, os homens passam, as músicas ficam”.

Esse trecho da composição serve bem à geógrafa e educadora Livia de Oliveira, pois, na vanguarda da Geografia, foi fazendo seu caminho em busca de inovações, à revelia do *status quo* da ciência. Assim, foi desbravando trilhas jamais pensadas para se aprender, ensinar e atuar geograficamente no mundo, cativando pessoas que foram lhe seguindo, aprendendo com ela (e sob seu esteio) a arte de percorrer trilhas desconhecidas antes de flanquearem o desconhecido.

E é verdade que não se vive para sempre – *os homens passam* – mas é possível permanecer eternamente no mundo, a depender do que se deixa como herança – *as músicas ficam*. Livia de Oliveira fez sua passagem no ano de 2020, aos 92 anos de idade. Deixou saudades, mas mudou o mundo. Ficam as incontáveis memórias de um convívio plenamente vivido com saberes, sabores, encorajamento, determinação, rigor, esperança e Geografia.

Eis a responsabilidade assumida nesse novo quefazer no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São Carlos, campus de Sorocaba: honrar vida e obra de Livia de Oliveira, um clássico da Geografia, uma professora *avant-garde* e, mormente, uma pessoa que sabia dar às pessoas seu tempo, seu conhecimento, e encorajar a se encontrar no mundo, oferecendo amparo e aconchego.

Ao que depender de mim, Livia de Oliveira fica.

## REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. “Livia de Oliveira: uma educadora explorando as fronteiras mais avançadas da geografia”. **Geografia**, vol. 31, n. 2, 2006.

BATISTA, B. N. *et al.* “Livia de Oliveira, um clássico”. **Geographia Meridionalis**, vol. 06, n. 1, 2021.

CUNHA, C. R.; FORTUNATO, I. “50 Anos dedicados à pedagogia Freinet: um encontro com Rosa Maria Whitaker Sampaio”. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, vol. 12, 2017.

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DUBOS, R. **Namorando a Terra**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1981.



FORTUNATO, I. “50 anos sem Célestin Freinet, 500 anos de retrocesso das práticas escolares”. **Journal for Educators, Teachers and Trainers**, vol. 7, n. 1, 2016b.

FORTUNATO, I. “Lecciones de transmétodo: qué se puede aprender de Milagros Elena Rodríguez”. **Entretextos: Revista de Estudios Interculturales desde Latinoamérica y el Caribe**, vol. 16, n. 30, 2022.

FORTUNATO, I. “Lugarizar o lugar: a geograficidade no/do Pateo do Collegio”. **Nadir: Revista Eletrônica de Geografia Austral**, vol. 8, n. 1, 2016c.

FORTUNATO, I. “O cortejo do lugar com Livia de Oliveira”. **Revista Hipótese**, vol. 2, n. 4, 2016a.

FORTUNATO, I. “Tornar-se professor: reflexões iniciais sobre um percurso paradoxal”. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, vol. 4, n. 1, 2017.

FORTUNATO, I. **Educação, escola, direitos humanos, sociedade... e docência: a autoformação alvitrada**. Itapetininga: Edições Hipótese, 2023.

FORTUNATO, I.; CAVALCANTE, T. V. “Dossiê – as Geografias que aprendemos: tributo à Livia de Oliveira”. **Revista Hipótese**, vol. 2, n. 4, 2016.

MARANDOLA JR. E.; GRATÃO, L. H. B. “Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil”. **Geografia**, vol. 12, n. 2, 2003.

OLIVEIRA, L. “O sentido de lugar”. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

OLIVEIRA, L. “Portal da Terra: o espaço e o lugar”. **Geograficidade**, vol. 10, n. 2, 2020.

PORTO, M. R. S.; FORTUNATO, I. “Educar com Freire: uma prática utópica”. **Revista USP**, n. 135, 2022.

RODRIGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. “Humberto Maturana e a humanidade na formação de professores: contribuições para um sentipensar na educação”. **Temas em Educação e Saúde**, vol. 17, 2021.



## BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 40 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

### Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

### Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima